

CORDEL COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO LEITORA EM SALA DE AULA

Artenizia Leonel Dias¹; Maria da Consolação Coelho Rocha²

¹Doutoranda em Linguagem e Literatura pela Universidade do Norte do Tocantins (UFNT). Brasil, Palmas, TO.

E-mail: artenizia.dias@ufnt.edu.br.

²Mestranda em Linguagem e Literatura pela Universidade do Norte do Tocantins (UFNT). Brasil, Balsas, MA.

E-mail: maria.crocha@ufnt.edu.br.

Resumo

O artigo “Cordel como prática de letramento: contribuições para a formação leitora em sala de aula”, discute o papel da literatura de cordel como prática de letramento e manifestação cultural no contexto escolar. Originado da cultura popular, o cordel combina poesia, oralidade e imagem, despertando o interesse dos estudantes pela leitura e valorizando os conhecimentos do povo. Ao ser incorporado às atividades da sala de aula, aproxima o aprendizado da vivência dos alunos, estimulando a criatividade, o senso de identidade e o pensamento crítico. Dessa forma, o cordel se revela uma abordagem sensível e transformadora, capaz de formar leitores mais críticos, conscientes e orgulhosos de sua própria história e de suas raízes culturais.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Letramento. Cultura Popular. Formação de Leitores. Educação.

1 - Introdução

A presente pesquisa foi motivada pela conclusão da disciplina Fundamentos de Literatura e Ensino, no âmbito da pós-graduação, cujas discussões suscitaram reflexões acerca do lugar da literatura na formação leitora e da valorização das manifestações culturais populares na escola. Nesse contexto, emergiu o interesse em investigar a literatura de cordel como prática pedagógica capaz de articular cultura, identidade e letramento.

Através de estudos ao longo do tempo, percebemos que a literatura de cordel tem sido representada como uma das manifestações mais autênticas da cultura popular no Brasileira. Derivada da tradição oral, ela se fortaleceu principalmente através das vozes e ações do povo da região nordeste. Ao ser introduzida no Brasil, a literatura de cordel passou por diversas transformações, adquirindo características únicas e se tornando uma maneira de preservar memórias, valorizar a fala comum e manter as tradições culturais.

Nos ambientes escolares, o cordel estimula a criatividade, provoca o prazer pela leitura e fortalece a relação entre cultura, linguagem e aprendizado. Ao combinar texto, imagem e a oralidade, ele antecipa conceitos dos multiletramentos modernos e valoriza o conhecimento

local como formas válidas de saber. Assim, compreender e aplicar a literatura de cordel no contexto escolar significa valorizar o potencial transformador da cultura popular na construção de leitores críticos, inventivos e conscientes de seu patrimônio cultural.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão sistemática da literatura, com levantamento e análise de produções acadêmicas e documentos institucionais sobre literatura de cordel, letramento e formação leitora. Diante disso, esse estudo tem como objetivo explorar os aspectos históricos e culturais da literatura de cordel e analisar suas contribuições para o letramento e para a formação de leitores, destacando sua importância como uma prática educativa e uma expressão genuína da identidade nordestina. Os resultados nos mostram que o uso da literatura de cordel em sala de aula, pode fortalecer a relação entre cultura e aprendizagem e contribuir na formação de leitores capazes de reconhecer o valor literário, da sua história e principalmente das manifestações culturais, as mais variadas.

2 - Literatura de Cordel: aspectos históricos e culturais

A literatura de cordel surgiu em Portugal e na Espanha, através de pequenos livretos com histórias em versos que eram vendidos pendurados em cordões. Por isso, o nome "cordel". Esses textos eram simples e rimados, suas histórias falavam de temas religiosos, de amor, de heróis e de moral. Por serem vendidos mais baratos, o seu público, era na maioria das pessoas que tinha pouco dinheiro. Elas usavam o texto do cordel para se informar e se divertir.

Acredita-se que a literatura de cordel tenha sido introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses, inicialmente na cidade de Salvador (BA), difundindo-se posteriormente por outros estados do nordeste por meio da tradição oral.

O que é certo é que o cordel brasileiro começa a ganhar impulso próprio a partir da liberação da impressão local de publicações no reino, a partir de 1821. Esse perfil ganha intensidade no final do século 19. Os primeiros folhetos coletados datam de 1890. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) é considerado o cordelista mais antigo de que se tem notícia. (Meneses, 2019, p. 5).

Ainda, segundo Meneses (2019) durante a década de 1960, com a popularização do rádio de pilha e, em seguida, com a expansão da televisão, a produção de cordel passou por um período de instabilidade. No entanto, a migração de nordestinos para regiões como a Amazônia e o Sudeste contribuiu para ampliar significativamente sua expansão geográfica. Nas décadas de 1970 e 1980, o gênero de cordel conquistou espaço entre a classe média e os intelectuais, consolidando-se como expressão cultural reconhecida em diferentes meios sociais.

Com o passar do tempo, o cordel brasileiro adquiriu características próprias, afastando-se do estilo de cordel português, refletindo a nossa realidade social, cultural e política da região

nordeste. De acordo com o Dicionário Caldas Aulete (2018), o termo cordel designa o cordão ou barbante em que os folhetos eram expostos, mas o conceito de literatura de cordel passou a abranger um conjunto de produções poéticas populares, tradicionalmente marginalizadas pelos cânones literários. Linhares (2009) destaca que, tal como outras expressões originadas da cultura popular, o cordel foi frequentemente tratado como algo de menor valor estético, em razão de seu caráter popular e de sua vinculação às classes populares, especialmente do nordeste do Brasil.

Autores como Linhares (2009) ressalta que o cordel constitui um valioso patrimônio cultural, por reunir elementos de oralidade, religiosidade, humor e crítica social, funcionando como registro histórico e instrumento de resistência simbólica do povo nordestino. Sua linguagem acessível e poética transforma o cotidiano em arte, preservando memórias e fortalecendo identidades regionais.

Linhares (2009) menciona ainda que a literatura de cordel deve ser compreendida como um importante documento da cultura popular nordestina, pois reflete crenças, valores e experiências coletivas de um povo que se expressa poeticamente em meio às adversidades. Em obras como *Seca, Cordel e Folclore* e *O Papa na Literatura de Cordel*, a autora discorre acerca do potencial simbólico e educativo desse gênero, que articula oralidade, religiosidade e crítica social. Como já mencionado.

Entretanto, no momento em que o cordel é classificado como uma literatura menor valor, isso significa desconsiderar sua relevância como expressão cultural e instrumento de comunicação popular. Como destaca Brandão (*apud* Dossiê IPHAN, 2019), nada é estranho à literatura de cordel, pois ela engloba desde as narrativas de amor e religiosidade até questões sociais, políticas e históricas. Trata-se, portanto, de uma forma de arte que traduz a experiência coletiva, dando voz às lutas, crenças e valores do povo nordestino. Os folhetos funcionaram, durante muito tempo, como os “jornais do sertão”, difundindo notícias e comentários sobre o cotidiano das comunidades interioranas (Haurélio, 2016).

Por isso, o cordel tem grande importância para a história e identidade do povo, com destaque para o nordestino. No decorrer dos séculos XIX e XX, o cordel se consolidou como um meio de preservação da memória social e de fortalecimento das identidades regionais, sendo reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural imaterial brasileiro. De acordo com o parecer desse órgão (2019), o cordel é uma “arte da palavra poética” que exerce função estética, comunitária e pragmática, ao promover a valorização da cultura popular e o sentimento de pertencimento entre as comunidades.

Embora, a literatura de cordel represente uma das expressões mais autênticas da cultura popular brasileira, ela ainda enfrenta resistência nos espaços acadêmicos e escolares. Como observa Linhares (2009), a literatura de cordel, como tudo que vem da cultura popular, é com frequência discriminada e tratada como algo de menor importância, no contexto mais elitizado e dominante, no qual eles determinam o que é mais socialmente aceito no Brasil. Essa crítica nos mostra o preconceito cultural que historicamente tem marginalizado as produções das camadas populares, negando-lhes o mesmo valor estético e simbólico conferido à literatura erudita.

Essa constatação de Linhares (2009) fica evidente a partir da análise feita por Meneses (2019, p. 3):

O pedido de registro da literatura de cordel foi encaminhado ao IPHAN em 2010 pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, criada no Rio de Janeiro em 1988. Estava subscrito por 85 poetas. Embora considerada pertinente para encaminhamento pela Câmara do Patrimônio Imaterial ainda no mesmo ano, só pôde prosseguir seu curso em 2013, por falta de recursos, que apenas se tornaram disponíveis com uma emenda parlamentar do Deputado Jean Wyllys.

Meneses diz ainda que “O CNFCP/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular supervisionou o Inventário Cultural entre 2013 e 2017.” (2019, p.3). Mas foi apenas em 2018 que esse reconhecimento foi concedido pelo IPHAN em 19 de setembro, após a elaboração de um dossiê técnico que comprovou o peso cultural, histórico e simbólico dessa manifestação da cultura popular.

Reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2018, a literatura de cordel é uma arte da palavra poética que expressa a criatividade e a memória das comunidades, valorizando a oralidade, o humor, a religiosidade e a crítica social do povo nordestino (IPHAN, 2019, p. 7).

O IPHAN incluiu a Literatura de Cordel no Livro de Registro das Formas de Expressão, uma das quatro categorias de bens imateriais protegidos pelo órgão. O parecer do órgão cita que o cordel representa uma arte da palavra poética, que une oralidade, escrita, música e xilogravura, constituindo um pertinente meio de transmissão de saberes, valores e identidade coletiva, especialmente no nordeste brasileiro.

Mais do que simples poesia, o cordel mostra a cultura e a alma do povo. Ao falar de amor, de humor, de política, de fé e das mais diversas lutas. Ele mostra o que esses povos sentem e vivem. O cordel também é uma forma de resistência, pois buscar preservar tradições, valorizar a oralidade e reforçar o orgulho da identidade do nordestino, tão discriminado ao longo do tempo.

Meneses (2019, p. 4) fala da “identificação do cordel como “literatura”, apesar de polêmicas, não me causa estranheza, salvo diante de noções redutoras de literatura”. Meneses

recorre às ideias de Cândido (1958) para discutir o processo de reconhecimento da literatura de cordel como patrimônio imaterial e como forma legítima de literatura. Conforme explica Meneses (2019), apoiando-se na teoria de Candido (1958), a literatura deve ser compreendida como um sistema integrado de autores, obras, leitores e meios de circulação, em constante diálogo com as práticas culturais. Sob essa ótica, o autor defende que o cordel deve ser reconhecido como forma legítima de literatura, uma vez que atua sobre o mundo por meio da palavra, recriando realidades e produzindo sentidos simbólicos, apesar de ainda ser marginalizado pelos cânones tradicionais.

Apesar disso, o cordel tem um papel importante na educação. Hoje, ele é usado em escolas para ajudar as crianças a aprenderem a ler e a se interessarem pela cultura brasileira. Como patrimônio cultural, o cordel continua vivo e importante, ele ajuda conectar o passado ao presente e o saber popular ao conhecimento formal.

Sendo assim, a literatura de cordel deve ser compreendida como uma manifestação artística e social de grande significância, que ultrapassa o entretenimento e se insere no campo da educação, da memória e da resistência cultural. Ao mostrar o cotidiano, a fé e os sonhos do povo, o cordel reafirma o poder da palavra como meio de expressão, registro histórico e afirmação identitária.

3 - A literatura de cordel como prática de letramento e instrumento para a formação leitora em sala de aula

Quando o cordel chegou ao Brasil, ainda na época colonial, ele se espalhou pelo Nordeste. No século XIX, com o surgimento de impressoras baratas e feiras livres, ele virou uma forma de literatura popular. Poetas como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Patativa do Assaré fizeram o cordel ficar forte e com uma “cara” própria. Fazendo com que o cordel virasse uma arte de representação da vida do povo nordestino.

Nessa perspectiva, a literatura de cordel pode ser compreendida como uma importante forma de comunicação popular, pois retrata as vivências, crenças e valores de um povo, expressando de maneira poética e acessível o cotidiano das comunidades nordestinas. Por meio de versos rimados e linguagem simples, o cordel registra acontecimentos, tradições, críticas sociais e sentimentos coletivos, funcionando como um verdadeiro espelho da cultura e da identidade regional.

Esse gênero literário revela a força da oralidade e da tradição popular na construção do conhecimento, tornando-se um instrumento de transmissão cultural e educativa. Entretanto, apesar de sua relevância histórica e simbólica, a literatura de cordel ainda é subvalorizada no

campo literário, não recebendo o destaque merecido como expressão artística. Sua riqueza estética e social, reafirma a importância de reconhecer o cordel como um meio de preservação da memória e das raízes do povo nordestino, contribuindo para a valorização da cultura popular desse povo e para a formação de leitores críticos e conscientes de sua própria história.

De acordo com Pereira (2022) no final do século XIX, os folhetos de cordel passaram a ser impressos, o que contribuiu para ampliar o acesso a sua leitura e com isso, acelerar o processo de alfabetização popular. Já que antes disso, no século XVIII, o cordel circulava em sua forma manuscrita e oral, sendo transmitido de geração em geração como parte das tradições culturais do povo nordestino. Ou seja, com uma maior circulação do cordel, mais pessoas passaram a ter acesso aos livros e como consequência para além da simples leitura, o cordel foi aproveitado para a alfabetização nas comunidades do nordeste. Já que seu conteúdo com caráter regional e acessível, facilitava mais esse processo.

Portanto, é inegável a importância da literatura de cordel no processo de alfabetização das camadas populares no Brasil, especialmente na região nordeste, pois ao aproximar a palavra escrita do cotidiano das pessoas, em uma época marcada por altos índices de analfabetismo e pelo acesso restrito à escola, o cordel funcionava como uma ponte entre a oralidade e a escrita, tornando a leitura mais acessível e significativa. Por meio de versos rimados, narrativas envolventes e linguagem simples, os livros impressos despertavam o interesse do público e estimulavam o aprendizado da leitura de forma espontânea e mais prazerosa.

Pereira (2022), corrobora com essa ideia, para a autora o cordel contribuiu para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois transformou o ato de ler em uma prática cultural viva e participativa. Também comunga dessa ideia Luyten (2005), ele destaca que o cordel favoreceu a alfabetização estética e cultural do povo nordestino, ao unir o texto poético à oralidade, à música e à tradição popular. Mais do que um instrumento de entretenimento, o cordel consolidou-se como uma ferramenta de letramento e emancipação social, permitindo que o povo se reconhecesse como sujeito de cultura e de conhecimento.

Viana, confirma essa ideia ao dizer que: “O cordel tem contribuído na alfabetização das pessoas desde que apareceu de forma manuscrita no Nordeste, ainda no século XVIII, antes do surgimento das primeiras tipografias” (Viana, 2006, p. 8)

Haja vista que o ser humano constrói sentidos de forma diversa e articulada, a partir de diferentes modos de significação que ultrapassam o texto verbal. Na contemporaneidade, marcada pela cultura digital e pela diversidade de linguagens, a palavra convive e interage com a imagem, o silêncio, o ritmo e outros recursos de expressão, configurando novas formas de comunicação, aprendizagem e produção cultural. Esses elementos, quando articulados,

ampliam as possibilidades de leitura crítica do mundo e abrem espaço para uma educação mais inclusiva e plural.

A palavra tanto escrita como falada continua sendo um dos pontos centrais da comunicação humana, mas sua função não pode mais ser vista de forma isolada. Como nos lembra Pinheiro (2021), alfabetizar e letrar significa hoje articular a palavra com outros modos de expressão, reconhecendo sua força cultural e identitária. Nesse sentido, os diferentes modos de expressão, como imagem, som, gesto, corpo, movimento e linguagem digital, devem ser compreendidos como formas legítimas de produção de sentido, atravessadas por valores culturais, sociais e identitários.

De acordo com Rojo e Moura (2019), a noção de multiletramentos amplia o entendimento de letramento ao incluir a multiplicidade de linguagens, mídias e culturas que circulam no cotidiano. Para Kress (2010), toda comunicação é multimodal, pois envolve a integração de diversos modos semióticos que se combinam para construir significados. Logo, a leitura e a escrita, na contemporaneidade, deixam de ser apenas práticas textuais e passam a constituir-se como práticas socioculturais multimodais, nas quais cada sujeito mobiliza diferentes recursos expressivos para interagir, participar e afirmar sua identidade.

Como enfatiza Street (2014), letrar é também reconhecer as práticas locais de linguagem e as identidades culturais nelas inscritas, valorizando saberes, vozes e modos de expressão muitas vezes discriminados pelos modelos tradicionais de ensino. Portanto, alfabetizar e letrar hoje implica ensinar para a diversidade das linguagens e das culturas, objetivando o diálogo entre palavra, imagem e som, e reconhecendo que cada expressão humana é também uma forma de pertencimento, resistência e afirmação identitária.

Essas práticas culturais populares, como a literatura de cordel, sempre articularam palavra, imagem e oralidade como formas de expressão e resistência. Faz com que o cordel, enquanto prática de letramento, permita que o sujeito se reconheça como produtor de cultura, atribuindo sentido à sua própria experiência e à memória coletiva de sua comunidade. Conforme enfatiza Pereira (2022), o cordel funciona como uma ferramenta pedagógica de grande magnitude na formação leitora, podendo estimular o desenvolvimento da oralidade, da escrita e do pensamento crítico desde os anos iniciais do ensino fundamental.

Estudos de Luyten (2005) e Linhares (2009, *apud* Pereira, 2022) mostram que o cordel nasce do diálogo entre o popular e o erudito, preservando a voz do povo e as narrativas da vida cotidiana. Sua musicalidade, ritmo e métrica o tornam um recurso privilegiado para despertar o prazer da leitura e favorecer a aprendizagem significativa. Na sala de aula, o cordel pode ser

trabalhado em rodas de leitura, dramatizações, sarais poéticos e produções autorais, dentre outros, estimulando o protagonismo dos alunos e a valorização de suas identidades culturais.

A integração entre texto, ilustração e performance oral amplia o repertório estético dos estudantes e favorece o desenvolvimento de competências leitoras e criativas. Essa junção entre o saber popular e o conhecimento escolar reafirma o papel do cordel como mediador cultural que aproxima a tradição e contemporaneidade, fortalecendo o vínculo entre linguagem, memória e identidade.

Ao fazer isso, o cordel confirma o papel da palavra como elemento vivo, capaz de articular tradição e inovação, poesia e tecnologia, valorizando os saberes locais e as vozes que constroem o universo social da escola. Consequentemente, a literatura de cordel não é unicamente um gênero textual, mas um instrumento de letramento estético e social, que possibilita a leitura do mundo antes mesmo da leitura da palavra, como já colocava em discussão Freire (2009), e que, nas palavras de Pereira (2022), abre caminhos para a formação de leitores críticos, criativos e conscientes de sua história e cultura.

A imagem ocupa lugar privilegiado na sociedade atual, em especial nas redes sociais e nos meios de comunicação digital. Fofonca e Camas (2021) falam que a escola precisa incorporar os gêneros visuais e digitais que circulam entre os jovens, pois estes fazem parte de sua realidade e configuram-se como linguagens legítimas a serem estudadas e produzidas. Ribeiro (2019) destaca a importância da leitura crítica de textos multimodais, como cartazes, capas de álbuns e peças publicitárias, que mobilizam recursos verbais e visuais em conjunto. Nessa abordagem, a literatura de cordel também se insere como prática multimodal, pois combina texto poético, ilustração xilográfica e oralidade, associando elementos verbais, visuais e sonoros. Além de antecipar, em sua estrutura tradicional, a lógica comunicativa das mídias contemporâneas, o cordel se consolida como gênero híbrido e formador, que desperta a leitura crítica e estética da cultura popular.

O entrelaçamento entre palavra, imagem, silêncio e ritmo caracteriza a multimodalidade, dimensão essencial dos multiletramentos. Coscarelli (2019) argumenta que, ao combinar diferentes linguagens, a escola pode promover o empoderamento dos estudantes, reconhecendo suas experiências culturais e midiáticas. Essa interação desafia a pedagogia tradicional, baseada apenas no texto escrito, e propõe novas formas de planejar o ensino. Ao considerar os diferentes modos de significação, o professor valoriza a diversidade de aprendizagens e possibilita a inclusão de estudantes que se expressam melhor por meio de linguagens não verbais, como imagens, músicas ou gestos.

Nesse cenário, a literatura de cordel se apresenta como uma prática cultural e educativa que alia palavra, ritmo e imagem, contribuindo para a formação de leitores sensíveis e críticos. Por meio de suas narrativas rimadas e de sua estética visual, o cordel estimula o gosto pela leitura e amplia as formas de expressão e interpretação.

No processo educativo é sempre importante incentivar atividades que ajudem a formar leitores, especialmente considerando os desafios enfrentados nesse processo, tanto no ensino quanto na aprendizagem. Entendemos que, quando estimulada de forma planejada e significativa, a leitura se transforma em um meio para aprimorar não só a habilidade linguística, mas também o pensamento crítico e a criatividade dos estudantes.

Segundo Bakhtin (2003, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Com base nessa concepção, ao versar sobre a noção de língua, Marcushi (2008, p. 240) conceitua a “língua muito mais do que um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais [...] ela é estruturada simultaneamente em vários planos, seja no fonológico, sintático, semântico e cognitivo no processo de enunciação”

Nessa conjuntura, o letramento se torna essencial, uma vez que vai além da simples decodificação de palavras e abrange práticas sociais de leitura e escrita que permitem ao indivíduo entender, interagir e modificar a sua realidade. Portanto, é essencial investir em propostas pedagógicas que priorizem o letramento para incentivar o interesse dos estudantes, aumentar seus repertórios culturais e fortalecer sua independência como leitores ativos e críticos.

O processo de letramento exige um despertar para uma leitura que ajude o aluno a compreender e interpretar as situações do seu dia-a-dia. A partir disso, a leitura deverá ampliar a sua compreensão de mundo, levando-o além da simples decodificação de palavras, como afirma Freire (2009).

Não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas, que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 2009, p. 11).

Tendo isso em vista, utilizar a Literatura de Cordel nas práticas pedagógicas significa reconhecer que ela faz parte das nossas origens e costumes, ao trazerem em seus folhetos particularidades, composições e narrativas que refletem acontecimentos do cotidiano e a identidade do povo. Essa manifestação cultural valoriza tanto as relações emocionais quanto as

históricas, conduzindo a interpretação das autorias e das produções, além de revelar a riqueza linguística do nosso país em diversos temas sociais. No ambiente escolar, a presença do cordel contribui para despertar no aluno o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a estrutura e a formação cultural do povo, explorando a linguagem como representação de significados. Desse modo, incentiva a participação na leitura literária, fortalece a oralidade e ressalta a expressividade cultural nordestina e promove o letramento literário.

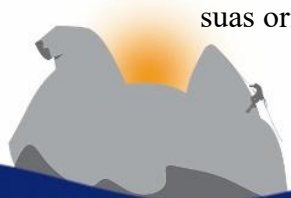
O envolvimento entre palavra e imagem demonstra que o processo educativo não pode ser limitado à linguagem verbal. Cada um desses modos de significação amplia as possibilidades de comunicação, de construção de sentidos e de expressão da diversidade cultural. Sob essa perspectiva, a literatura de cordel constitui um exemplo expressivo de prática multimodal, pois une palavra escrita, oralidade e ilustração, revelando como diferentes linguagens podem coexistir na produção de sentido. O cordel, ao integrar tradição e criatividade, antecipa os princípios dos multiletramentos modernos e valoriza os saberes locais como formas autênticas de aprendizagem e de expressão cultural. Unidos, esses modos de significação constituem uma pedagogia dos multiletramentos, atenta à diversidade da cultura digital e às múltiplas formas de linguagem que atravessam a vida atual.

4 - Considerações Finais

O estudo analisa a literatura de cordel como prática de letramento no contexto escolar. A revisão da literatura evidencia que o cordel, que embora seja marginalizado enquanto literatura, possui relevância histórica, cultural e pedagógica. O levantamento teórico confirma seu reconhecimento como patrimônio cultural e como forma legítima de literatura.

Os resultados demonstram que o cordel articula oralidade, escrita e imagem. Essa característica o aproxima das concepções contemporâneas de letramento e multiletramentos. A literatura analisada indica que sua utilização em sala de aula favorece o desenvolvimento da leitura, da escrita, da criatividade e do pensamento crítico.

Com o cordel, o aprendizado é carregado de sentido, emoção e identidade. Ele desperta o prazer pela leitura, estimula a imaginação e ajuda a formar leitores que sentem, pensam e criam. Ao trabalhar o cordel em sala de aula, o professor não apenas ensina o aluno a ler e escrever, ele também ajuda os alunos a compreenderem o mundo à sua volta, a valorizarem suas origens e reconhecerem a grandiosidade das diferentes culturas que os envolvem.



O estudo conclui que essa literatura contribui para a formação de leitores críticos e conscientes de sua identidade cultural. Evidenciando, ainda, que sua inserção no contexto escolar fortalece a relação entre cultura popular e conhecimento formal.

5 – Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**: introdução e tradução do russo. Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – 50 ed. – São Paulo, Cortez, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- COSCARELLI, C. V. **Multiletramentos e empoderamento na educação**. In: Ferraz, O. (org.). Educação, (multi)letramentos e tecnologias. Salvador: EDUFBA. Ferraz, O. (org.) (2019). Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador: EDUFBA, 2019.
- FOFONCA, E.; Camas, N. P. V. (orgs.). **Dos letramentos aos multiletramentos**: percursos históricos e práticas escolares na cultura digital. Rio de Janeiro: BG Business Graphics Editora, 2021.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê de Registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro**. Brasília: IPHAN, 2019.
- KRESS, G. **Multimodality**: A social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.
- LINHARES, Thelma Regina Siqueira. *A literatura de cordel é comunicação*: uma entrevista. 2009. Disponível em: Thelma Regina Siqueira Linhares: A LITERATURA DE CORDEL É COMUNICAÇÃO - uma entrevista. Acessado em 03 mar. 2026.
- LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MENESES, U. T. B. de. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** - IEB, n. 72, p. 225-244, jan./abr. 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244.
- PEREIRA, A. C. de S. **Contribuições da literatura de cordel para a formação do leitor nos anos iniciais do ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- PINHEIRO, J. C. **Alfabetização, letramento e práticas digitais**: desafios da formação docente contemporânea. São Paulo: Cortez, 2021.
- RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais e escola**: produção e leitura de peças de divulgação de um show de música popular. In: Ferraz, O. (org.). Educação, (multi)letramentos e tecnologias. Salvador: EDUFBA, 2019.
- ROJO, R; MOURA, Ed. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.